

## COMO SERIA SE A EDUCAÇÃO EM SAÚDE FOSSE FEITA, DE FATO, PARA TODOS?

Dr. Francisco é um daqueles profissionais que as pessoas falam:

*Doutor Francisco é um médico muito bom, sabe das coisas e escuta a gente!*

Dr. Francisco se importa muito com o sucesso do tratamento de seus pacientes. Ele acredita que por ser tão responsável e atento, suas orientações serão bem compreendidas e assim seguidas. Quando pedimos para o Dr. Francisco dizer o que e como orienta às pessoas, ele diz:

*Eu falo tudo para meus pacientes, quero que saiam bem **informados!***

Entretanto, assim que a visita clínica termina ou a consulta ambulatorial acaba, perguntamos ao paciente:

*O que a senhor **compreendeu** sobre o que o Dr. Francisco lhe explicou?*

E a resposta muitas vezes é:

*Sabe, ainda não entendi muito bem o que eu tenho. Ele usou umas palavras difíceis, mas sei que ele estudou muito e sabe o que faz. Então vou tomar os remédios e fazer os exames, conforme ele mandou.*

Esta falta de compreensão e participação efetiva no plano de cuidados traz importantes consequências indesejáveis.

Uma neurologista relatou o caso de um homem adulto que chegou ao pronto socorro no terceiro episódio de AVC e nem ele nem a família sabiam nomear os remédios que tomava. Já um médico de família conta o caso de uma mulher que tomava uma pílula anticoncepcional a cada relação sexual que tinha, pois na visão dela era assim que se evitava gravidez com a pílula.

O não entendimento pode levar a uma má experiência do paciente, não aderência, complicações, internações, perdas de dias de trabalho e mesmo óbito. É um problema de saúde pública e que afeta a efetividade da interação profissional-paciente.

A Associação Médica Americana estima que gastos com o não entendimento das orientações em saúde são de 70 bilhões de dólares por ano.

Na raiz disso está o desnível de comunicação entre profissionais da saúde e pacientes. Saúde envolve vários temas técnicos e com muitas variáveis, sendo assim, as pessoas têm dificuldade de entender informações em saúde - em variados graus. Só na Europa, 47% das pessoas têm essa dificuldade em níveis importantes.

Além disso, a informação escrita e falada tem menor poder de absorção que informações visuais. Engajar o paciente é usar uma comunicação fácil e atrativa.

### **Falar na sintonia do outro traz engajamento e participação.**

A participação é uma necessidade humana universal e requer um interesse em fazer parte, de tornar-se ativo, de contribuir e intercambiar ideias e anseios. De fazer descobertas e decidir juntos.

Mas, para existir uma participação efetiva, é necessário que os participantes tenham um mínimo de conhecimento, motivação, interesses comuns e confiança recíproca.

O compartilhamento do poder e do saber pelo profissional de saúde assim como a motivação do paciente em aprender são relevantes para alcançar resultados de sucesso advindos da educação em saúde.

Educar o paciente e sua família é contribuir para a sua participação ativa no plano de cuidados proposto e apoiar de maneira importante as suas decisões para o consentimento livre e esclarecido sobre estes cuidados.

A educação tem o poder de preparar e incentivar os pacientes para o autocuidado, tão necessário e relevante no período pós alta para continuidade correta do plano terapêutico adotado.

**A educação do paciente e família requer a adoção de um modelo de comunicação centrada no relacionamento e o desejo de lhes proporcionar a melhor experiência possível.**

Ambos, paciente e profissional de saúde, devem ser apoiados neste processo de construção conjunta. A tecnologia e os recursos visuais podem ajudar na compreensão e no engajamento, alcançando os resultados desejados de forma efetiva.

Autores: Nancy Yamauchi e Rogério Malveira Barreto

Leitura sugerida:

Barr D. Weiss, MD. Health Literacy and patient safety: Help Patients Understand – Manual for Clinicians. 2nd edition. American Medical Association. 2009.

O’Leary, Kevin J. et al. Hospitalized patients’ understanding of their plan of care. Mayo Clinic Proc. January 2010;85(1):47-52.

Bordenave, Juan E. Diaz. O que é participação? São Paulo: Editora Brasiliense, 8ª ed. 1994.